

PASTORAL DO DÍZIMO

Encontro Arquidiocesano da Pastoral do Dízimo

No dia 18 de setembro, das 8h às 16h, na Faculdade Católica de Fortaleza, reunindo cerca de 230 pessoas, *leigos, religiosos e presbíteros*, provenientes de 56 Paróquias e Áreas Pastorais das 9 Regiões Episcopais, bem como de comunidade novas e movimentos, realizou-se o **Encontro Arquidiocesano da Pastoral do Dízimo**. O Encontro fez parte da programação da Semana Arquidiocesana do Dízimo. Padre Jerônimo Gasques, pároco da Paróquia de São José, de Presidente Prudente – SP, foi o facilitador do evento. Trabalhar e falar da pessoa do dizimista era o enfoque das colocações.

“A única pastoral que está ligada diretamente a Deus é a Pastoral do Dízimo”, afirmou Padre Jerônimo ao explicar que dízimo é a experiência de Deus na vida cristã. Ressaltou que muitos ainda vêem o dízimo como dinheiro. É urgente trabalhar a pessoa do dizimista, trabalhar a segurança, o ânimo dos agentes e contribuintes do dízimo. “Dízimo é fazer catequese, é evangelizar”, comentou.

Alguns comentários

“Adorei o encontro. Era importante que esse encontro se voltasse para os padres. Que tivesse essa mesma formação com os padres. Para nós leigos é maravilhoso. Não vou falar mais do dízimo sem a Bíblia do meu lado. Foi um puxão de orelhas para mim o comentário do padre”, afirmou Dilma Albuquerque, da Paróquia São Pedro e São Paulo, da Região Episcopal N. Sra. da Assunção.

“Comecei como contribuinte. Não sabia a importância do dízimo. A partir da reflexão de Malaquias, comecei a experimentar o dízimo. E tudo mudou na minha vida. O encontro está sendo como eu esperava. Mostrar o dízimo como encontro e experiência com Deus. Falar do dízimo a partir de uma experiência”, disse **Nonata Monteiro**, da Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Pindoretama, da Região Episcopal São Pedro e São Paulo.

“O dízimo é um ato de fé, de gratidão por tudo que Deus me dá. É o pouco do muito que Deus me dá. O dízimo é o pouco que eu retribuo”, testemunhou **Fátima Cruz**, da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Pajuçara, da Região Episcopal Sagrada Família.

Padre Jerônimo já foi assessor nacional da Pastoral da Juventude. Atualmente é pároco da Paróquia de São José em Presidente Prudente. Viaja o Brasil inteiro compartilhando com as comunidades suas experiências com o dízimo.

Alessandra Silva, que já fez parte da coordenação da antiga Região Episcopal Metropolitana 3 e do Comire, atualmente estudante de jornalismo, fez uma entrevista com ele que publicamos a seguir.

ENTREVISTA

Dízimo não é dinheiro

Padre Jerônimo diz que formação, segurança, revisão, acreditar e leitura são alguns pilares para o sucesso da implantação do dízimo em qualquer comunidade.

Para começar a nossa conversa, sei que o senhor já trabalhou com a Pastoral da Juventude e adorava o que fazia. Então pergunto o que o impulsionou a trabalhar com o Dízimo?

Foi a partir da necessidade, da vontade de colaborar, participar da experiência do dízimo. Tudo começou pela necessidade da minha Paróquia (São Francisco de Assis, em Presidente Prudente). Uma paróquia muito grande e nova. Não tínhamos nada. Então era preciso começar. E começar de que jeito? Fazer festa não tinha (lá) muita condição. As festas eram muito limitadas, pois para fazer festa é preciso ter material,

alugar mesas, cadeiras, etc. Então percebemos que o dízimo era a forma mais prática, eficiente e cristã de manter a paróquia. Foi a partir desse gesto que eu e um grupo de paroquianos decidimos que, a partir daquele ano, 1989, devíamos começar a experiência do dízimo.

Quais os frutos concretos da implantação do dízimo em uma paróquia?

O dízimo tem que responder às necessidades da paróquia. Exemplo: se minha paróquia precisa de 10 mil para se manter, eu preciso de 10 mil e 100 reais todos os meses, para poder usar os 10 mil e sobrar 100. Se minha paróquia precisa de 20 mil, então eu preciso de 20 mil e 200. Se isso não acontece é hora de se fazer uma revisão. O que não pode ser permitido (ou achado certo) é ter dízimo e promoções paralelas. Ou ter as promoções paralelas e achar que o dízimo é mais uma forma de captação de recursos.

Sou pároco de uma paróquia e quero implantar o dízimo. Quais os primeiros passos que devo realizar?

Primeiro é necessário haver um levantamento geral da paróquia: saber quantas pessoas freqüentam a Igreja, quantos católicos se tem, aproveitar os dados do *Censo do IBGE* para conhecer a realidade da região. Depois com os dados em mãos, é hora de saber quantas pessoas freqüentam a sua igreja, a comunidade; quantas crianças tem na catequese, no crisma. Quantos nos encontros de noivos, de batismo. E a partir desses dados descobrir quantos dizimistas já existem na comunidade e se perguntar: Esse número e esse valor no final do mês são suficientes para manter a Igreja. Caso não sejam suficientes é necessário tomar algumas providências.

E que providências seriam essas?

Algumas providências significam: primeiro, criar um grupo de agentes da pastoral do dízimo; segundo, rever toda a contribuição; terceiro, investir na catequese tanto para o agente como para o contribuinte.

Quais os sinais que indicam que o dízimo em minha paróquia não está caminhando bem, não está respondendo às necessidades da comunidade? O que está errado?

Isso é fácil de verificar. É como somar 1+2. Sendo que 1+2 tem que dar 3. Se o seu dízimo só está dando dois, é porque ele não está sendo suficiente para manter a comunidade. Outra coisa que deve ser observada é se a comunidade fez a opção pelo dízimo. Acontece, em alguns casos, que a comunidade quer o dízimo, mas não quer abrir mão de taxas, de festas, de promoções. Então o dízimo fica truncado, fica meio caminhando e meio não caminhando. É o que a gente chama de "meia boca". E dízimo não pode ser meia boca, tem que ser inteiro. Ou não se decide ter dízimo. Faça-se a opção por outra coisa.

Quero ser um agente da pastoral do dízimo. Como saber se tenho carisma para o serviço?

Na nossa paróquia, sempre no começo do ano, reunimos os novos agentes para formação. Os primeiros encontros são comigo de formação geral, pastoral de conjunto (como nós chamamos). E depois vêm os encontros sobre as pastorais específicas. Todo agente recebe formação específica: batismo, matrimônio, dízimo, catequese. Mas para isso temos dois passos: primeiro, a **leitura**; segundo, a **formação**. Porque só assim teremos pessoas competentes, convictas para agir na pastoral do batismo, do dízimo, nas demais pastorais.

Quais as características, qual o perfil do agente do dízimo?

Primeiramente, deve ser uma pessoa ligada à Igreja. Segundo, não pode ser um psicopata, um doente mental. Ele não pode ser muito deslumbrado, achar que todo

mundo vai contribuir com o dízimo, que não vai ter dificuldades. É preciso ser uma pessoa equilibrada. Tem que arranjar tempo para Igreja, para chegar ao seu atendimento uma hora antes (sem correria, de repente, na última hora). Tem que ser uma pessoa que viva bem com sua família. Caso seja casado, tem que ser um bom pai, uma boa mãe. Tem que ter uma vida presente de Igreja, de comunidade.

Porque ainda existem padres que, apesar de conhecer as experiências do dízimo, de reconhecer o crescimento da paróquia a partir da implantação do dízimo, ainda possuem medo de assumir o dízimo em sua paróquia? E quando assumem é com timidez?

É porque primeiramente o padre tem que *acreditar* no dízimo. Segundo porque os padres não tiveram *formação* nos seminários sobre dízimo. Terceiro (entre aspas) porque é *novidade*, infelizmente. Embora o dízimo seja tão antigo, ainda é novidade. E, quarto, a *insegurança* de que, ao implantar o dízimo, venham faltar depois os recursos para a comunidade. Estamos vivendo essa instabilidade.

E em que essa instabilidade resulta?

O padre tem tendência de manter a seguinte situação: tenho um pequeno dízimo, mas também tenho festa, promoções, taxas. Porque ele (o padre) não obteve, ainda, a coragem de fazer uma opção amadurecida pelo dízimo. O dia em que ele fizer uma opção amadurecida pelo dízimo, vai compreender que, realmente, o dízimo é suficiente. Nós já temos muitos padres que optaram por isso, em fazer a experiência. E com certeza, com todos eles tem dado certo.

Como trabalhar a pessoa do dizimista dentro desse contexto atual, em que ela trabalha o dia inteiro, estuda à noite, possui uma família problemática...?

Na nossa paróquia temos as seguintes experiências, muitas delas indicadas pelos próprios agentes: uma vez por mês temos um momento de adoração para os agentes do dízimo; encontro com os dizimistas; visitas dos agentes aos dizimistas; encontro de formação com os agentes do dízimo; encontro de formação com todas as pastorais, porque o agente do dízimo fica exclusivamente com o dízimo e se esquece das demais pastorais e esse não é o nosso objetivo, porque o contribuinte está em todas as pastorais. O agente do dízimo tem a obrigação de conhecer, também, os outros âmbitos de pastoral.

E como seria esse conhecer “os outros âmbitos pastorais”?

Visitar as outras pastorais. Os agentes do dízimo, por exemplo, precisam fazer visitas aos encontros de batismo, matrimônio, da catequese, crisma. É isso que edifica e constrói a pastoral do batismo, do matrimônio e especialmente a do dízimo.

Como uma pessoa que só frequenta a Igreja para as celebrações dominicais percebe que, naquela comunidade, o dízimo está sendo vivido com qualidade?

Quando vê que a paróquia responde (dá uma resposta) ao dízimo dos contribuintes. Exemplo: se tem uma Igreja quebrada, estragada e se faz um trabalho de reestruturação do dízimo e os contribuintes começam a observar que a Igreja está sendo reformada, sem precisar de festas e promoções, acho que esse é o melhor testemunho. O melhor convite, a melhor comunicação são a melhor forma de catequese, de angariar novos dizimistas. Eu falo isso por experiência. Meus bons dizimistas se tornaram bons dizimistas por causa do que eles estavam vendo. E estão vendo até hoje o que o dízimo pode fazer.

O que fazer quando uma pessoa se apresenta querendo ser dizimista?

Quando uma pessoa chega para nós dizendo que quer ser dizimista, a primeira coisa que fazemos é anotar o nome, para depois irmos visitá-la. Na visita temos uma conversa, explicamos o que é o dízimo, qual sua importância e o que essa experiência

proporciona para a pessoa. Depois se ela aceitar a nossa proposta, tudo bem. Caso não aceite, tudo bem também.

Quais as dimensões do dízimo?

O dízimo tem uma dimensão intra-ecclesial (dentro da Igreja), para depois ter uma expressão extra-ecclesial (fora da Igreja). E como isso acontece na prática? Às vezes a comunidade tem o suficiente e começa a observar que o dízimo tem uma dimensão missionária. Em nossa paróquia, acontece assim. Nós temos atendimentos às comunidades mais pobres da cidade. Colaboramos e ajudamos essas comunidades. E ajudamos não só com orações, mas na compra de terreno, nas edificações. É assim que se constrói o dízimo, através da partilha.

E dar brindes, privilégios para dizimistas?

Nunca, jamais. Dizimista não tem privilégio nenhum. Um dizimista não é mais importante do que qualquer outro paroquiano. O que nós fazemos na paróquia é dar no final do ano um presente bom para cada dizimista. Mas fazer aniversário, fazer rifa de bíblia ou outros tipos de coisa durante o ano, a gente não faz.

Quando um dizimista chega à secretaria paroquial, por exemplo, querendo uma missa particular, é porque ele foi mal acostumado?

Ele é um péssimo dizimista, pode ser excluído da lista de dizimista.

E o que aconteceu para termos dizimistas com essa postura?

Eu acho que o processo começou mal. A experiência do dízimo precisa começar bem. Porque na medida em que o dízimo é bem encaminhado, essas coisas se afinam. O dizimista que chega a esse ponto é sinal de que não foi orientado, pois acha que dízimo é privilégio.

E as missas que se chamam “Missa do Dizimista”?

Toda missa é missa do dizimista. Os 53 domingos por ano são dedicados aos dizimistas. O dizimista não tem privilégio nenhum. É isso que talvez seja duro, mas é a realidade. Quando o dizimista aprende isso, descobre o tesouro perdido. O tesouro perdido é saber que ele é simplesmente e totalmente um contribuinte, independente de receber alguma coisa em troca. Ele amadurece. E na medida em que amadurece, se fortifica na sua experiência do dízimo.

E quando isso acontece é sinal de quê?

É sinal de que Deus está agindo na comunidade e de que a pessoa se tornou receptiva, porque somos como uma esponja. Somos inebriado pela presença de Deus. Quando o dizimista percebe isso, fica ‘doidinho’ por Jesus. Gosta de fazer aquilo e o faz com alegria. Com determinação. Não fica cobrando nada, nem do padre, nem dos demais paroquianos. Sabe que conseguiu a *segurança*. É isso que devemos imprimir nas comunidades: dar segurança aos nossos contribuintes, para que o dízimo seja eficiente.

Aqui na Arquidiocese, há algum tempo, iniciamos a experiência do “Dízimo sem taxa”. Algumas paróquias que aderiram à experiência findaram na desistência. Que fatores favoreceram essa realidade?

A insegurança. Porque para você ter segurança em uma pastoral, em qualquer setor de pastoral, é preciso ter *formação* para isso. Quando falo do dízimo, a primeira coisa que vem à mente é que dízimo é dinheiro. Então se dízimo é dinheiro não precisa de leitura e de formação. É só arrumar dinheiro, e pronto. Na realidade não funciona assim. As pessoas querem contribuir, mas querem saber para onde vai o dízimo. Querem saber por que as pessoas colaboram. É bom lembrar que os católicos possuem dificuldade em fazer leitura da bíblia. Católico, em geral, não conhece os

textos bíblicos. E quando falo de dízimo, estou falando de Bíblia. Estou falando de uma experiência nova, diferente. É isso que diferencia o dízimo qualquer do dízimo bíblico. Porque o dízimo qualquer, dado de coração, digamos, pode não ser o dízimo eficiente. Pode até ser suficiente, mas não eficiente para a administração da vida paroquial. Pode ter acontecido isso em algumas dessas paróquias.

Outra experiência é a seguinte: temos muitos dizimistas que só contribuem, devolvem o dízimo, mas não participam da comunidade. E, raramente, participam das celebrações. O que fazer para que essas pessoas se engajem nas pastorais, na comunidade?

Isso é um pouco complicado. Depende de muitas coisas. Nossa paróquia é uma paróquia missionária, temos muita gente que vem de fora. Então certamente esses que vêm de fora, não possuem condição de assumir um trabalho na comunidade. Com os que moram na paróquia não temos problema. Quando o dízimo começa bem, ele se encaminha bem. Se essa realidade existe, é porque o dízimo começou mal. Acho que, quando se implanta o dízimo errado, é provável ter problemas mais tarde. O desafio é implantá-lo bem. Isso pode levar tempo.

Sobre o controle das contribuições. Qual a melhor forma de receber e registrar essas contribuições?

Depende muito da realidade de cada comunidade. Na comunidade anterior eu tinha envelope, hoje nós utilizamos um carnezinho, bem discreto. Normalmente entre os nossos contribuintes, um não sabe o valor do dízimo do outro. Na hora do atendimento, temos dois grupos: uma pessoa que pega os carnês e outra que faz a distribuição, depois de registrar os valores. Ninguém fica olhando o valor da contribuição do outro, porque é tudo separado. Isso é para não causar constrangimentos, para não gerar comentários do tipo: fulano só dá isso!

E falando em contribuição... O dízimo biblicamente é 10%. Em nossa Igreja já surgiu o diálogo de que a contribuição pode ser de até 1%, “conforme seu coração”. Como trabalhar nas comunidades esse assunto?

Temos que voltar à Bíblia. A Bíblia diz que são 10% (dez por cento) e tem que ser trabalhada essa expressão. Mas sabemos que o dízimo não são os 10% (dez por cento) matemáticos (1, 2, 3, 4 até 10). O dízimo, 10%, é uma expressão de plenitude. O dez, ele é pleno. É por isso que o dízimo tem que ser pleno. Isso não significa que, se você ganha R\$ 100,00 (cem reais), tem que dar dez de dízimo. Isso é uma questão matemática. O mais importante é que você entenda que o dízimo é pleno, é real, é uma experiência que você faz. E é por isso que a Bíblia chama de 10%, para que você aprenda isso. Agora se essa questão não for trabalhada como está na Bíblia, começa haver confusão na cabeça das pessoas. Porque ela lê na Bíblia 10% e o pároco fala que são 2%, 4%, 5%. Isso precisa ser evitado para não gerar confusão posterior.

Hoje, 18 de setembro, estão aqui reunidos, representantes das 9 Regiões Episcopais da Arquidiocese. Quais os próximos passos que você indicaria para serem realizados em suas paróquias?

Primeiramente criar ânimo, entusiasmo. Depois pensar na reestruturação do dízimo nas paróquias. Fazer uma revisão da estrutura, usando o método “Ver, Julgar e Agir”. Através do método, o ideal é parar para uma revisão. Pensar uma nova etapa do dízimo. E essa nova etapa vai supor, talvez, outros encontros de formação (como esse). É necessário pensar um trabalho com os padres, para que possam começar a trabalhar essa questão. Para que possam ser mais maleáveis. Trabalhar com os agentes, com encontrões, oferecer subsídios e, depois, trabalhar com as paróquias, com as comunidades. E sempre trabalhar com a revisão, avaliação. Talvez usar um sistema de controle do dízimo, para saber como está o dízimo na sua comunidade.

Para finalizarmos a nossa conversa, qual o maior objetivo do dizimo?

É a experiência de Deus na vida cristã. Não adianta querer dizimo como se ele fosse dinheiro. Dizimo não é dinheiro. Se partir por aí, dizimo vai ser sempre dinheiro. Vai virar econômico, economia. E o econômico não pode ficar na frente da experiência com Deus, porque, senão, o dizimo vira, simplesmente, uma campanha material como qualquer outra. Dizimo é experiência de Deus na vida cristã.

(Entrevista feita por Alessandra Silva).